

# Revista Gepesvida

## Edição Especial

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Número 13. Volume 5. 2019-2. ISBN: 2447-3545.



### ADAPTAÇÃO CURRICULAR COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM TEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fábia Daniela Schneider Lumertz<sup>1</sup>  
Lisiane Machado de Oliveira Menegotto<sup>2</sup>

#### RESUMO

Esse artigo tem o objetivo é relatar uma experiência de adaptação curricular como facilitadora da inclusão escolar de um aluno acometido de TEA. Este trabalho é de caráter qualitativo, do tipo estudo de caso. Segundo Yin (2001), o estudo de caso é apropriado às pesquisas educacionais, uma vez que permite estudar um caso único, mas que, mesmo que não seja generalizável, pode ajudar a entender outros casos similares. Para esta pesquisa foi selecionado o caso de um aluno com TEA de nível 2. O aluno tem 11 anos e encontra-se no quarto ano do ensino fundamental de uma escola da região metropolitana de Porto Alegre/RS. A partir deste estudo de caso foi possível perceber o quanto a adaptação curricular pode interferir positivamente na inclusão escolar de alunos com TEA. O currículo individualizado coloca a professora titular como sabedora do que, e como ensinar o seu aluno, de forma a colocar o ensino na direção do que o aluno precisa e consegue aprender nesta fase do seu desenvolvimento, evitando a ansiedade por parte da docente e o desperdício de potencial do aluno. Inclusão escolar malsucedida é uma violência com a criança e pode ser evitada com medidas como a adaptação curricular.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro autista. Inclusão Escolar. Adaptação Curricular.

#### ABSTRACT

This article aims to report an experience of curriculum adaptation as facilitating the school inclusion of a student with ASD. This work is qualitative, case study type. According to

---

<sup>1</sup> Psicopedagoga; Neuropsicopedagoga; Professora de Atendimento Educacional Especializado; Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale/RS

<sup>2</sup> Psicóloga; Doutora em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS); Professora do Curso de Psicologia e do PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social - Universidade Feevale/RS

Yin (2001), the case study is appropriate for educational research, as it allows the study of a single case, but even if it is not generalizable, it can help to understand other similar cases. For this research was selected the case of a student with level 2 ASD. The student is 11 years old and is in the fourth grade of elementary school in a metropolitan region of Porto Alegre / RS. From this case study it was possible to understand how the curricular adaptation can positively interfere in the school inclusion of students with ASD. The individualized curriculum places the head teacher as knowing what, and how to teach her student, in order to put teaching in the direction of what the student needs and can learn at this stage of their development, avoiding the anxiety on the part of the teacher and the teacher. waste of student potential. Unsuccessful school inclusion is violence against children and can be prevented with measures such as curriculum adaptation.

**Keywords:** Autistic Spectrum Disorder. School inclusion. Curriculum Adaptation.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse artigo tem o objetivo é relatar uma experiência de adaptação curricular como facilitadora da inclusão escolar de um aluno acometido de TEA. O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por prejuízos na comunicação e interação social e por interesses e comportamentos restritos ou repetitivos (DSM V, 2014). Apesar dessa sintomatologia básica, a manifestação dos sintomas é variável, dependendo da gravidade com que o transtorno se apresenta no sujeito, podendo ser de nível 1, 2 ou 3. Segundo o DSM V (2014), o nível 1 é o mais brando e é classificado como “exigindo apoio”. O nível 2 é intermediário e é classificado como “exigindo apoio substancial”. O nível 3 é o mais grave e é classificado como “exigindo apoio muito substancial”. É um transtorno cujos sintomas podem ser atenuados, mesmo sendo uma condição incurável (HALPERN, 2015).

O TEA se apresenta nos primeiros anos de vida. Normalmente, até em torno dos 6 meses posteriores ao nascimento, o desenvolvimento da criança parece ser normal. Em torno dos 12 aos 24 meses o comportamento já começa a ser percebido como destoante do esperado para esta etapa da vida do bebê. Existem evidências de que aos 12 meses de idade o comportamento social da criança com TEA já pode ser percebido como defasado e destoante do comportamento social das crianças que seguem tendo desenvolvimento típico, assim como já pode ser observado manuseio inadequado dos objetos (ZWAIGENBAUM, 2015). Segundo Ribeiro et al (2017), mesmo com essas evidências precoces do transtorno, o diagnóstico costuma ser feito em torno dos 4 a 5 anos de idade,

# Revista Gepesvida

retardando o início das intervenções, cuja efetividade é mais evidente quanto mais precocemente iniciadas.

Estima-se que 30% dos casos de TEA estejam associados a deficiência intelectual. Além disso, o TEA também pode estar associado a transtornos psiquiátricos como ansiedade, déficit de atenção com ou sem hiperatividade e depressão, além de poder estar associado a condições neurológicas, como epilepsia e transtornos genéticos (ALMEIDA, 2016). Prejuízos motores também são bastante comuns em pessoas acometidas de TEA.

A estimulação precoce é a intervenção principal quando detectado qualquer atraso ou desvio no desenvolvimento infantil, independentemente de ter ou não diagnóstico de TEA. A estimulação nas fases mais tenras da infância aproveita o maior potencial de plasticidade neuronal, potencializando as intervenções no sentido de diminuir a sintomatologia do TEA (KANDEL, 2014).

Os sinais clínicos do TEA podem ser identificados pelos pais a partir do primeiro ano de vida, mas muito comumente os diagnósticos são realizados em média dos 4 aos 5 anos de idade, já em idade escolar, e é na escola que muitas vezes os sintomas são percebidos (RIBEIRO et al, 2017).

A inclusão escolar de alunos com TEA é uma realidade nas escolas brasileiras. Para que esta inclusão seja efetiva e contribua verdadeiramente para a melhoria das condições cognitivas e sociais do aluno, é necessário que se faça alterações no currículo escolar.

O currículo, segundo Saviani (1995), é a organização das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares, ou seja, é o instrumento norteador do trabalho escolar. Para que este instrumento seja adequado ao trabalho com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, é necessária a realização de adaptação deste documento, a fim de que o mesmo seja adequado a necessidade do aluno e, assim, se torne adequado às necessidades educacionais do educando.

Na Lei de Diretrizes e Bases (1996), ainda não é feita menção a adaptação ou flexibilização curricular, mas já se revela uma preocupação com a proposição de currículos que se adequem as necessidades do aluno como é possível perceber no “Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais

# Revista Gepesvida

do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; [...]. (BRASIL, 1996, s/p, grifos nossos)”.

Segundo Guijarro (1995), as adaptações curriculares são modificações e ajustes no currículo que mexem na estrutura do como e quando ensinar, modificando objetivos, conteúdos, metodologia e critérios e procedimentos de avaliação, a fim de incluir verdadeiramente o aluno com necessidades educacionais especiais.

No decreto nº 6949/2009 (BRASIL, 2009), que trata da convenção dos direitos da pessoa com deficiência, em seu art. 24, cap. 2, alínea c, é que a referência a “adaptação” é encontrada. Neste decreto está colocado que os estados partes garantirão que adaptações razoáveis serão realizadas no currículo de acordo com as necessidades individuais do aluno.

Coutinho (2010) propõe que a individualização do currículo prioriza uma pedagogia centrada na atividade e no ritmo do aluno. Desta forma, através de um currículo adaptado e personalizado ao aluno com necessidade educativa especial, é que a inclusão escolar se faz efetiva (CARVALHO, 2012). Desta forma, este trabalho trata do relato de experiência de inclusão escolar de um aluno com TEA em uma escola da região metropolitana de Porto Alegre/RS, a partir da adaptação curricular individual feita para o mesmo.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho é de caráter qualitativo, do tipo estudo de caso. Segundo Yin (2001), o estudo de caso é apropriado às pesquisas educacionais, uma vez que permite estudar um caso único, mas que, mesmo que não seja generalizável, pode ajudar a entender outros casos similares.

Para esta pesquisa foi selecionado o caso de um aluno com TEA de nível 2. O aluno tem 11 anos e encontra-se no quarto ano do ensino fundamental de uma escola da região metropolitana de Porto Alegre/RS. O educando não apresenta fala comunicativa, apenas ecolalias, mas tem um bom entendimento da linguagem falada. Apresenta comportamentos restritos e repetitivos, ecolalias, estereotípias e resistência a mudanças na rotina, além de questões sensoriais relativas a audição e tato.

# Revista Gepesvida

O aluno encontra-se matriculado na mesma escola desde o 1º ano e desde então foram elaboradas adaptações curriculares. A adaptação curricular é feita em parceria pela professora titular, professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e coordenadora pedagógica da escola. Neste documento são colocados os objetivos propostos para o aluno, assim como a metodologia a ser utilizada e o acompanhamento dos progressos do aluno, que é feito por portfólio.

A adaptação curricular para este aluno é do tipo funcional, pois visa muito mais favorecer questões que são primordiais para o desenvolvimento do aluno do que questões referentes aos componentes escolares tradicionais. Uma vez que o aluno não apresenta fala comunicativa, é usado apoio visual acompanhado de instrução oral para ajudar o aluno a se comunicar. O aluno permanece incluído em turmas regulares desde o seu ingresso na escola e a adaptação curricular, juntamente com a ajuda de um profissional de apoio, fazem parte do plano de inclusão escolar do aluno.

Como objetivos da adaptação curricular deste aluno temos:

- 1) Incluir o aluno no ambiente escolar a partir da sua identidade de aluno e não de pessoa com TEA;
- 2) Estimular a autonomia do aluno dentro do ambiente escolar;
- 3) Estimular o entendimento das palavras através da apresentação das respectivas figuras;
- 4) Estimular as habilidades psicomotoras do aluno;
- 5) Estimular a inclusão do aluno nas atividades das quais o mesmo dá conta sem apoio, como educação física.

A metodologia utilizada para atingir os objetivos é baseada na previsibilidade das atividades a serem realizadas. A professora coloca a sequência de atividades que o aluno realizará em forma de figuras no canto do quadro negro. Em seguida ela explica para a turma como será este desenrolar ao longo da aula. O aluno com TEA é sempre incluído em todas as etapas do turno de aula, acompanhando os colegas em todos os ambientes e atividades desenvolvidas, porém tomando o cuidado de ofertar para o aluno com TEA atividades diferenciadas que estejam de acordo com as suas necessidades educativas, que são de outro mote. O item 5 do plano de adaptação curricular individual do aluno, colocado abaixo, mostra um pouco da situação cognitiva do aluno e algumas

# Revista Gepesvida

das sugestões de atividades que a professora titular oferece para o mesmo em aula: “5- Necessidade educativa especial do aluno:

Aluno não alfabetizado, mas em fase que dá conta de atividades de pré-escola a início de 1º ano, como cobrir pontilhados, pintar, desenhar, alinhar, pintar com legenda – desde que alguém o esteja orientando. Pode fazer atividades em forma de jogos, como quebra cabeça simples de número/quantidade até 9, ou imagem grande dividida em quatro partes para encaixe. Também pode ser trabalhado com o alfabeto móvel, para que ele construa gradativamente o seu nome e palavras simples relativas a figuras do seu cotidiano, de forma concreta e visual.

Trabalhar a autonomia do aluno através de orientação visual e oral dos vários ambientes da escola é uma das prioridades. Solicitar que a profissional de apoio acompanhe o aluno e vá, aos poucos, deixando o mesmo seguir sozinho com os colegas, apenas observando de longe, a fim de que o aluno se sinta seguro e consiga seguir com os colegas como aluno que é.

Sempre usar apoio visual – por exemplo: mostrar a figura, falar pausadamente o nome da figura e depois a forma escrita. Trabalhar com palavras simples e que tenham correspondência com a vida diária, como utensílios domésticos simples, objetos usados na escola, em higiene pessoal, nome de pessoas próximas, animais...”

A avaliação do aluno é feita por meio de portfólio, a fim de acompanhar as suas descobertas e novas aprendizagens em relação a ele mesmo e aos objetivos propostos.

### 3. RESULTADOS

A partir da metodologia utilizada foi possível perceber uma evolução significativa nos comportamentos do aluno, tanto a nível social quanto cognitivo.

Socialmente, o aluno está adaptado na escola e mostra através de sorrisos e pequenos gestos de afeto o quanto se sente à vontade na instituição, com a professora, com a profissional de apoio e com os colegas. Brinca com muita alegria durante o intervalo, no qual corre com os colegas, brinca de pega-pega, bola ao cesto e chute ao gol, entre outras brincadeiras. Acena com a mão para os colegas e professores como forma de “oi”. Realiza as atividades propostas para ele em aula de forma harmoniosa, demonstrando satisfação em estar incluído em uma turma regular de ensino.

# Revista Gepesvida

O aluno evoluiu cognitivamente em vários aspectos. Seus desenhos da figura humana, que antes eram borrões, agora têm cabeça com olhos, boca e nariz, além de cabelos, e um tronco de onde partem dois braços e duas pernas. Suas pinturas estão dentro dos limites estabelecidos pelas figuras e as cores estão sendo melhor organizadas, coisa que antes não acontecia. As atividades de encaixe estão cada vez mais rápidas e as instruções orais estão sendo entendidas com pouco auxílio de recursos visuais. Entende os “tempos” da escola, como início da aula, intervalo, hora do conto, troca de livros na biblioteca, aula de informática e término da aula, coisas que foram sendo construídas ao longo do tempo e que estavam previstas na adaptação curricular.

No refeitório o aluno está tendo avanços no que se refere à autonomia. Segue com a turma para o lanche e se comporta como os demais alunos, sem a necessidade de interferência da professora ou monitora, sendo que isso também foi construído através de orientações da adaptação curricular e que foram efetivas.

A partir dos resultados é possível perceber a diferença positiva que a adaptação curricular faz na inclusão deste aluno. Cabe ressaltar que este aluno vem sendo acompanhado por adaptação curricular desde o seu ingresso na escola, porém os objetivos e metodologias vão sendo modificados de acordo com os seus progressos e novas necessidades.

## **4. DISCUSSÃO**

A adaptação curricular do aluno mostrou-se uma ferramenta indispensável para a efetiva inclusão escolar do mesmo. Corroborando com o que preconiza Carvalho (2012), a partir adaptação curricular, a professora titular conseguiu nortear e embasar o seu trabalho partindo das habilidades e necessidades educacionais próprias do aluno, sem cair na armadilha de tentar colocar o currículo oficial em prática para este aluno também, uma vez que o currículo oficial não tem nada com o que contribuir para o desenvolvimento deste aluno. O currículo adaptado, e, neste caso, individualizado, foi fundamental para que o aluno tivesse acesso ao ensino do qual necessita e tem condições de participar, fazendo com que a escola trabalhe no sentido de melhorar as habilidades do aluno em relação ao que ele tem capacidade de construir, mas sem perder de vista o leque de possibilidades de aprendizagem que o aluno tem condições de alcançar, uma vez que

# Revista Gepesvida

estas construções de saberes se estabelecem de um patamar mais baixo e vão se ampliando na direção de novas conquistas de aprendizagens.

O caso relatado trata de um aluno com TEA nível 2, sem fala comunicativa, com comportamentos restritos e repetitivos e necessidade de apoio significativa. Usando a adaptação curricular como instrumento base para a inclusão escolar, liberamos o aluno para ser quem ele é e aprender o que necessita aprender no seu próprio ritmo e tempo. Segundo Coutinho (2010), esta é a função da adaptação curricular, o que foi averiguado no processo de inclusão deste aluno.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo de caso foi possível perceber o quanto a adaptação curricular pode interferir positivamente na inclusão escolar de alunos com TEA. O currículo individualizado coloca a professora titular como sabedora do que, e como ensinar o seu aluno, de forma a colocar o ensino na direção do que o aluno precisa e consegue aprender nesta fase do seu desenvolvimento, evitando a ansiedade por parte da docente e o desperdício de potencial do aluno. Inclusão escolar malsucedida é uma violência com a criança e pode ser evitada com medidas como a adaptação curricular.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, RS, LIMA RC, CRENZEL G, ABRANCHES CD DE. **Pediatria**. Psiquiatria da Criança e do Adolescente. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2016 250 p.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed; 2014. 848 p.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Decreto nº 6949/2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, 2009.

CARVALHO, Rosita Edler. A escola inclusiva como a que remove barreiras para a aprendizagem e para a participação de todos. In: **Construindo as trilhas para a Inclusão**. Márcio Gomes (org.). 2.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.36-50.



# Revista Gepesvida

COUTINHO, Karyne Dias. Psicopedagogia e a produção dos escolares contemporâneos. In: SARAIVA, Karla; SANTOS, Iolanda Montano dos. (Orgs.). **Educação Contemporânea e Artes de governar**. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

GUIJARRO, Rosa Blanco. La atención a la diversidad em el aula y las adaptaciones del currículo. In: COLL, César; ULLASTRES, Alvaro Marchesi; PALACIOS, Jesús. Desarrollo psicológico y educación: v. 3. **Transtornos del desarrollo y necesidades educativas especiales**. Madrid: Editorial Alianza Psicología, 1995.

HALPERN R. Transtorno do espectro autista. In: **Manual de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento**. Barueri, SP: Manole; 2015. p. 455–70.

KANDEL, Eric R.; Schwartz, James H.; Jessell, Thomas M.; Hudspeth, A. J. **Princípios da Neurociência**. 5ª edição. Editora: Artmed, 2014.

RIBEIRO TC, Casella CB, Polanczyk GV. Transtorno do Espectro do Autismo. In: Miotto E, Lucia M, Scaff M, editors. **Neuropsicologia Clínica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca; 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica**: primeiras aproximações. 5 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1995.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi- 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZWAIGENBAUM L, BAUMAN ML, STONE WL, YIRMIYA N, ESTES A, HANSEN RL, et al. Early Identification of Autism Spectrum Disorder: **Recommendations for Practice and Research**. *Pediatrics*. 2015; 136:S10-40.

*Data da submissão: 17-08-2019*  
*Data da aceitação: 16-12-2019*